

VÍRUS DESCONHECIDOS: Virologista diz que o trânsito humano na Amazônia pode levar moléstias para as cidades

'Nós temos de ser ágeis no diagnóstico'

Pedro Vasconcelos afirma que de um modo geral doenças causadas por fatores desconhecidos não têm cura

ENTREVISTA

Pedro Vasconcelos

Chefe do setor de Arbovírus do Instituto Evandro Chagas, em Belém, o virologista Pedro Vasconcelos orgulha-se de comandar um laboratório recordista mundial, tendo isola-

do mais de 11 mil variantes de vírus. Ele alerta que o avanço da civilização sobre a mata expõe o homem ao contato direto com doenças letais, que desafiam a ciência. Embora considere as doenças emergentes no Brasil pontuais ou de pequenas epidemias, ele

afirma que nada autoriza os especialistas a pensar que os casos ficarão restritos. Sem o auxílio de tratamentos específicos, Vasconcelos sustenta que a melhor forma de enfrentar o problema é dispor de uma rede laboratorial para diagnósticos rápidos.

O GLOBO: Os vírus das florestas ameaçam a saúde?

PEDRO VASCONCELOS: Alguns podem causar problema para as pessoas contaminadas. No caso da febre amarela, se a cobertura vacinal é falha, sempre há risco de surtos. Já os arnavírus (um tipo de vírus que pode causar febre hemorrágica) e os hantavírus podem representar sérios riscos à saúde, pois não há vacinas e nem drogas contra eles. Na medida em que o homem altera o meio ambiente e avança no processo de urbanização, aumenta o risco do contato com os roedores, transmissores dos hantavírus.

• **A intensa movimentação humana na Amazônia favorece a urbanização dos vírus?**

VASCONCELOS: Com certeza. O vírus Oropouche é um exemplo clássico. Foi isolado pela primeira vez em Trinidad, em 1955. Cinco anos depois, na construção da Rodovia Belém-Brasília, o vírus foi isolado de uma preguiça e de mosquitos. No ano seguinte, houve uma epidemia em Belém. A doença se alastrou na década de 70, ao longo da Transamazônica, passou por várias cidades até atingir o Peru em 1994. No ano passado, chegou à Costa Rica. Os fatores ligados à urbanização do Oropouche têm sido urbanização, abertura de estradas e desmatamento.

• **Vetores de doenças conhecidas podem também transmitir doenças mais letais?**

VASCONCELOS: Podem. Na Ásia, o *Aedes aegypti* (transmissor do dengue) é o transmissor do vírus Chikungunya, que se confunde em muitos aspectos com o dengue hemorrágico. O *Aedes albopictus*, conhecido como tigre asiático e transmissor secundário do dengue, pode vir a transmitir vírus causadores de encefalite. Hoje com a disseminação do *Aedes aegypti*, há risco, que esperamos não ocorra, de reurbanização da febre amarela.

• **Doenças causadas por vírus desconhecidos têm cura?**

VASCONCELOS: De modo geral não, pois não há tratamento específico. O melhor é prevenir. Nós temos de ser ágeis no diagnóstico laboratorial. Para isso, é preciso constituir uma rede de laboratórios no continente americano que possa fazer frente ao problema das doenças emergentes. O desafio é tornar isto viável, decidindo quem vai financiar, como serão distribuídos os reagentes, como serão padronizados os testes, quais as prioridades e como serão despachados os espécimes suspeitos. ■

• **DESCOBERTO NOVO VÍRUS MORTAL NO BRASIL, amanhã**

Doenças emergentes no Brasil

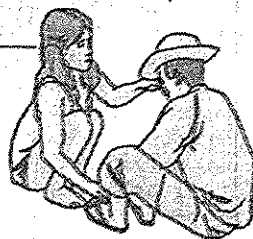
As chamadas doenças emergentes são quase sempre causadas por vírus e estão associadas à entrada do homem em habitats de animais que hospedam esses microorganismos. Elas são ainda pouco conhecidas. No Brasil, já foram descobertas doenças associadas aos vírus Sabiá, Rocio e a hantavírus.

A febre de Lábrea

Uma das infecções misteriosas em estudo é a febre negra de Lábrea. Ela é uma das doenças mais devastadoras já encontradas em pontos remotos do país. O primeiro caso foi registrado em 1963 em Lábrea, cidade amazonense na calha do Rio Purus. Trata-se de uma forma atípica de hepatite fulminante, causada pela associação de dois vírus da hepatite: A e delta.

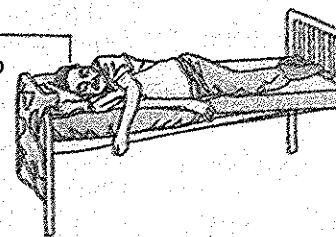
TRANSMISSÃO

É transmitida pelo contato com secreções, lesões contaminadas e relações sexuais, mas não há certeza absoluta sobre todas as formas de contágio. Sempre faz mais de uma vítima numa casa



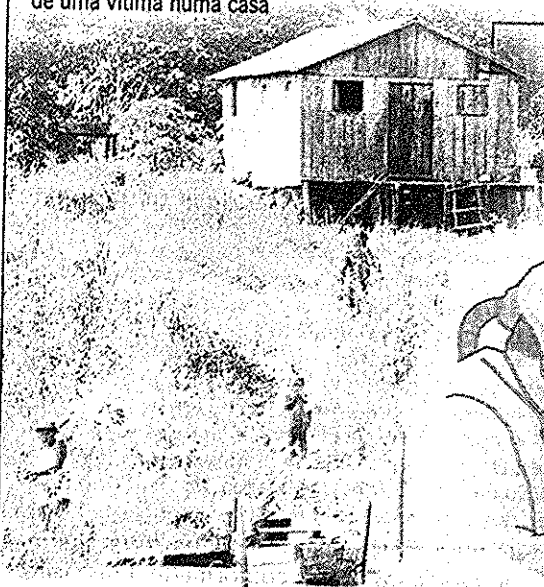
SINTOMAS

Provoca a destruição do fígado, com hemorragia interna e vômitos com sangue. É capaz de matar 90% dos infectados em seis dias.



FATORES DE RISCO

Cidades como Lábrea, cercadas pela floresta, reúnem as condições consideradas de risco por cientistas: não têm boas condições sanitárias e foram erguidas em áreas desmatadas estando vulneráveis a insetos e outros animais transmissores de doenças



Como enfrentar doenças emergentes

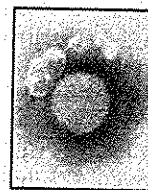
Embora perigosas, as doenças emergentes ainda são raras. Como não há tratamento específico para a maioria dessas infecções, a melhor arma é a prevenção. O Brasil dispõe de uma rede de laboratórios treinados para agir em casos de surtos, desenvolvendo testes de diagnóstico e encaminhando vítimas para hospitais especializados em doenças tropicais



Foto: Marcelo Sayão/ Editora de Arte

ROCIO: Matou 92 pessoas e afetou quase mil no Vale do Ribeira, em São Paulo, entre os anos de 1975 e 78. Causa encefalite e em 20% dos casos deixa seqüelas motoras. O vírus infecta animais silvestres e deve ter chegado ao homem por meio de uma picada de um mosquito contaminado.

SABIÁ: É um arnavírus identificado em 1990, em São Paulo. Causa a febre hemorrágica brasileira, uma doença potencialmente fatal. Acredita-se que seja transmitido por roedores.



HANTAVÍRUS: Foram registrados no Brasil 95 casos de hantavíroses, 43 dos quais mortais. Já afetou sete estados. Os hantavírus são transmitidos por roedores e provocam uma síndrome pulmonar ou ainda febre hemorrágica

